

COPA DO MUNDO FIFA DE FUTEBOL FEMININO 2027 NO BRASIL: NÃO. NÃO ESTÁ TUDO PRONTO

Rodrigo Paiva

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Lúcia Maria Machado Bógus

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Cláudio Miranda da Rocha

University of Stirling

RESUMO

O Brasil sediou os maiores megaeventos esportivos do mundo. No curto intervalo de duas décadas recebemos os Jogos Pan-Americanos (2007), Jogos Mundiais Militares (2011), Copa das Confederações FIFA (2013), Copa do Mundo FIFA de futebol masculino (2014), Jogos Olímpicos (2016), Copa América (2019/ 2021) e agora a Copa do mundo FIFA de futebol feminino (2027). A campanha vencedora para país-sede da edição feminina da Copa do Mundo de Futebol FIFA, no ano de 2027, intitulada “Está tudo pronto” não explicita vulnerabilidades encontradas em território nacional quando da comparação das obras de infraestrutura prospectadas na Matriz de Responsabilidades para a Copa de 2014 e as realmente executadas. O objetivo deste trabalho é discutir, à luz da matriz de responsabilidade apresentada quando da realização da Copa do Mundo de 2014, se, e em que medida, o Brasil está realmente pronto para sediar a edição de 2027. Por meio de um ensaio teórico e ampla revisão de literatura, os autores se debruçam sobre as inconsistências e falácias discursivas, tanto dos gestores públicos, quando dos documentos de acompanhamento pontual dos impactos e legados dos megaeventos esportivos no país. Os dados encontrados são suficientemente densos na direção de contrapor a temática da campanha “Está tudo pronto”, denunciam as contradições entre a realidade do Brasil no ano de 2024 e o conjunto de obras inacabadas espalhadas pelas doze cidades-sede em todo o território nacional em decorrência da realização da Copa de 2014 e conclui que não, não está tudo pronto.

Palavras-chave: Megaeventos Esportivos, Gestão do Esporte, Legado, Esporte, Sociologia.

COPA DO MUNDO FIFA DE FUTEBOL NO BRASIL: UMA PRÁTICA ROTINEIRA

Duas décadas de megaeventos no país

Dois continentes, 16 anos, 6 meses, 2 semanas e 3 dias, ou, mais precisamente, 6044 dias separaram 30 de outubro de 2007 em Zurique, na Suíça, e 17 de maio de 2024, em Bangkok, Tailândia.

Estas datas são indiscutivelmente importantes para toda a população global apaixonada pelo futebol, mas especialmente o povo brasileiro foi, e será, impactado pelos anúncios realizados pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) nestes dois dias. Na primeira, o então presidente da instituição, Joseph Blatter, comunicava ao mundo a eleição do Brasil como país-sede da Copa do Mundo FIFA de futebol masculino em 2014. Na segunda, sob o comando de Gianni Infantino, o Brasil recebe o direito de sediar, novamente, o torneio em 2027. Desta vez, a versão feminina do megaevento.

A passagem da Copa do Mundo de Futebol FIFA pelo Brasil não é novidade. O país sediou, pela primeira vez, o campeonato no ano de 1950. À época, aquela seria a quarta edição do evento.

De acordo com Napoleão (2012), a passagem da Copa FIFA pelo nosso país pode ter sido iniciada ainda em 1938, quando no congresso realizado na sede da federação, em Paris, o Brasil manifestou sua intenção em também sediar o campeonato. Na ocasião, consta que o jornalista Célio de Barros garantiu à organização que o Brasil já estava pronto para receber o evento. Somente em 1948 a decisão final foi anunciada, a copa de 1950 seria aqui.

Por óbvio que havia uma grande expectativa por parte dos torcedores em todo o território nacional, afinal, o “país do futebol” seria sede do maior evento da modalidade do planeta. Seis estádios serviriam de palco do maravilhoso espetáculo esportivo, distribuídos pelas cidades de Recife, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. O tão esperado estádio do Maracanã, compromisso firmado com o então presidente da FIFA, *Julles Rimet*, quando da candidatura, ficou pronto em 16 de junho. Apenas 8 dias antes do início da Copa, em 24 de junho de 1950.

Passados 64 anos da icônica edição da copa, o Brasil volta a sediar o megaevento no ano de 2014. Desta vez, o dobro de cidades e estádios em relação ao torneio de 1950. Das 18 candidaturas, foram escolhidas 12 cidades-sede: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

Desta vez, ninguém ousou dizer que o Brasil já estava pronto. Ao contrário, a matriz de responsabilidade¹ que foi apresentada contava com 130 projetos de infraestrutura subdivididos em áreas como mobilidade urbana, estádios, portos e aeroportos, telecomunicações, segurança, turismo e as “instalações complementares” e previa um investimento da ordem de R\$27.120 bilhões. Destes, apenas R\$4.337 bilhões advindos da iniciativa privada.

Figura 1 - Previsão orçamentária de execução de infraestrutura para a Copa do Mundo 2014.

investimento na Copa do Mundo 2014
custo em R\$ bilhões dividido por tipo de projeto e por fonte de recurso

projeto	financiamento federal	financiamento municipal	recursos federais	recursos privados	total
estádios	3,80	3,90	0	0,60	8,3
mobilidade urbana	4,4	4,3	0	0	8,70
aeroportos	0	0	2,7	3,6	6,30
portos	0	0	0,60	0	0,60
segurança e defesa	0	0	1,8	0	1,8
telecomunicações	0	0	0,4	0	0,4
turismo	0	0	0,2	0	0,2
estruturas complementares	0	0,70	0	0,1	0,8
total	8,20	8,9	5,7	4,3	27,1

Fonte: PODER 360 (2023).

Agora, no ano de 2024 o Brasil recebeu o direito de sediar a versão feminina do torneio, que ocorrerá em 2027. A campanha denominada “Está tudo pronto”, apresentada pelo Ministério do Esporte, venceu a candidatura adstrita de Alemanha, Bélgica e Holanda.

¹ https://oprecodeumacopa.com/uploads/1/0/7/6/107617463/matriz_consolidada_dez_2014.pdf

Figura 2 - Campanha “Está tudo pronto”, Ministério do Esporte do Brasil.



Fonte: Ministério do Esporte (2024).

O argumento adotado pelo país é de que as estruturas necessárias para a realização da décima edição do campeonato foram construídas quando da realização da Copa do Mundo de 2014.

Especial destaque é dado aos estádios, aeroportos, hotelaria e ao conjunto de outros elementos indecifráveis caracterizados como cidades preparadas.

O objetivo deste trabalho é discutir, à luz da matriz de responsabilidade apresentada quando da realização da Copa do Mundo de 2014, se, e em que medida, o Brasil está realmente pronto.

Esportes, megaeventos e sociedade: nexos e falácias

De acordo Wallerstein (1998), parece indiscutível que a única forma de crescimento do capitalismo em todo o mundo é por meio do modo de produção orientado à acumulação e expansão. O autor entende que o “sistema mundo”, ainda que permeado por inúmeras crises contraditórias, depende do modelo de progresso perpétuo. Neste sentido, adaptar-se às mudanças impostas pelos novos modos de organização social no século XXI, atreladas à urgência em encontrar, constantemente, localidades susceptíveis a este modo de produção se apresentam como condições de sobrevivência do próprio sistema.

Cabe-nos analisar as características do desenvolvimento do sistema capitalista, especificamente no Brasil. Um país colonizado por aproximadamente três séculos, predominantemente agrário, marcado por desigualdade social estrutural, escravidão como forma prioritária de seu modo de produção, desarticulação histórica de seu povo em busca de direitos, hiperexploração da força de trabalho, além de uma classe dominante burguesa tradicionalmente subserviente aos interesses dos países dos continentes Europeu e Norte-Americano (PAIVA, 2018).

Segundo Ouriques (2014), durante os ciclos de expansão marítima dos séculos XV e XVI, os países descobertos e colonizados receberam um sem-número de mercadorias e produtos que estavam, invariavelmente, associados à forma de vida, crenças, valores e práticas culturais do sistema capitalista. Práticas estas, como as músicas, danças, artes, culturas, elementos da cultura corporal dos países colonizadores, como, por exemplo, os esportes eram, gradativamente, enxertados nos povos periféricos como forma de dominação não apenas econômica, mas cultural.

Desta forma, além das mercadorias, os povos colonizados eram igualmente subjugados em função de sua cultura e práticas sociais, conforme demonstrado por Paiva (2018):

O esporte, de forma generalizada, mais precisamente o futebol, compõe o quadro de infinitas mercadorias transplantadas culturalmente pelos países europeus nos séculos passados que necessitam ser produzidas, comercializadas, mantidas como fator crucial de sustentação da indústria cultural. As relações econômicas estiveram sempre acompanhadas de relações sociais de difusão e dominação cultural, política e ideológica. O esporte, ao ser enxertado no solo nacional, incorporou-se ao dia a dia a partir de determinadas condições históricas concretas das formações sociais dos países periféricos, que terminaram por construir uma identidade nacional em torno das práticas corporais (PAIVA, 2018, p.14 e 15).

Passados mais de cinco séculos, notadamente, as formas de dominação dos países colonizadores se perpetuam e se encontram ainda entremeadas nos costumes, hábitos e tradições dos povos típicos da periferia do capitalismo.

Readequada às novas formas de organização social, econômica e política contemporâneas, atualmente, a maneira preponderante de colonização cultural no campo das práticas corporais se dá por meio da disseminação de eventos de

larga escala, globalmente impactantes e de amplo apelo populista, qual seja, os megaeventos esportivos.

Segundo Cashman (2003), Cottle (2014) Paiva (2018), Preuss (2008) e Santin (2009), megaeventos, incluindo os esportivos, são caracterizados pelo enorme apelo popular, pela capacidade de impactar diretamente a comunidade local e, indiretamente, a população global, realizado num curto espaço de tempo, influenciando drasticamente a economia mundial e que se apresentam, no século XXI, como um dos maiores fenômenos de movimentação da economia em âmbito mundial.

Para que se possa ter uma ideia do papel dos megaeventos esportivos no desenvolvimento de economias nacionais, países disputam acirradamente o direito de sediá-los, tendo, nas últimas décadas, como principal argumento legitimador o discurso do legado. McKinley (2014), já demonstrou o estabelecimento das relações entre os megaeventos esportivos e o desenvolvimento do próprio sistema de acumulação de capital:

A intensificação da busca pelo capital corporativo multinacional por novas maneiras de romper as restrições sobre o crescimento e acumulação impostas por várias barreiras nacionais, encontraram um veículo prontamente disponível nos esportes. A doutrina da competição capitalista e o "livre mercado", tão evidentes na esfera intra e internacional do desenvolvimento global pós Segunda guerra mundial, estava agora mirando o campo dos esportes. Lenta, mas de forma segura, o desenvolvimento global do esporte, em especial do futebol, tornou-se parte integral do desenvolvimento global do próprio capitalismo. O capital corporativo multinacional começou a "entrar", associar-se e a cada vez mais interferir nos principais esportes em busca de lucros e melhoria da imagem (McKINLEY, 2014, p.51).

Na esteira destas possibilidades, o Brasil, oportunamente, submeteu, e venceu, as candidaturas para sediar, no intervalo de duas décadas, os Jogos Pan-Americanos (2007), Jogos Mundiais Militares (2011), Copa das Confederações FIFA (2013), Copa do Mundo FIFA de futebol masculino (2014), Jogos Olímpicos (2016), Copa América (2019/2021) e agora a Copa do mundo FIFA de futebol feminino (2027).

Sob o pretexto do possível legado deixado pelos megaeventos esportivos, o governo brasileiro, e todos os demais espalhados no globo, articulam política e economicamente a possibilidade de, repetidamente, sediarem estes acontecimentos de escala global.

Se, por um lado, como apontam Preuss (2008) e Ribeiro (2008), os megaeventos esportivos têm a possibilidade de impactar positivamente a economia intra e internacional, gerando empregos, promovendo avanços tecnológicos, incrementando comércio internacional e o setor de turismo, ratificando a exposição global dos países-sede como nações desenvolvidas e competentes, por outro lado, são, frequentemente, marcados pelo histórico deletério de conluíus entre governos e construtoras, hiperexploração da força de trabalho, precarização da mão de obra, degradação do meio-ambiente e dilapidação do erário.

Especificamente no caso do Brasil, a realização de megaeventos como Copa do Mundo FIFA 2014 e Jogos Olímpicos Rio 2016 foi marcada por atrasos na realização geral da estrutura necessária, índice elevado de mortes na construção civil comparados com outros países-sede anteriores, gentrificação exacerbada nas comunidades próximas às grandes arenas e redução do orçamento ao setor esportivo após a realização do evento (PAIVA, 2018; ROSSETTO JÚNIOR, 2016).

Ainda, é possível identificar no Relatório de prestação de contas final referente à Copa das Confederações FIFA 2013 e Copa do Mundo FIFA 2014, publicado pelo Ministério do esporte do (BRASIL, 2017) e no documento de O efeito do fluxo de turistas da Copa Fifa em junho e julho de 2014 sobre o emprego formal no Brasil (IPEA, 2017) que:

Os resultados obtidos não permitem afirmar que o fluxo de turismo decorrente da realização da Copa Fifa de 2014 trouxe impactos significativos para o emprego formal no conjunto de localidades visitadas e de atividades econômicas potencialmente beneficiadas pelo fluxo de turistas durante o evento (IPEA, 2017, p.9)

Resta-nos, portanto, analisar se, e em que medida, um setor específico proporcionou avanços significativos no tecido urbano, qual seja, o de estruturas preconizadas na Matriz de Responsabilidades da Copa 2014 para que possamos dizer se, no Brasil, está mesmo tudo pronto para a Copa de 2027.

Rumo a mais uma edição da Copa do Mundo FIFA. Agora com tudo pronto?

A confirmação da escolha do Brasil como país-sede da Copa do mundo FIFA de futebol feminino 2027 desperta um dos maiores desafios que se interpõem ao desenvolvimento da ciência e da produção de conhecimento no âmbito dos megaeventos esportivos: o monitoramento em longo prazo.

É amplamente aceito na literatura que a avaliação dos impactos, transformações e mudanças durante a realização dos megaeventos esportivos é um fator crucial para a mensuração, em tempo real, dos possíveis legados. No entanto, parece indiscutível que o acompanhamento em longo prazo, por parte de diversos setores da sociedade, entre eles, dos gestores públicos, órgãos de monitoramento nacionais e internacionais, instituições de transparência, cientistas e pesquisadores, além de toda a sociedade civil é tarefa precípua quando se busca avaliar, profundamente, o que se busca chamar de legado (CAPELA E TAVARES, 2014; CARVALHO, 2013; CASHMAN, 2003; COTTLE, 2014; PAIVA, 2018; PREUSS, 2008; RIBEIRO, 2008; ROSSETTO JR, 2016).

A análise das transformações e execuções comparadas entre a Matriz de Responsabilidade e a efetiva consecução de obras de infraestrutura realizada por Altino (2024), demonstra que após dez anos da Copa de 2014 38% obras de mobilidade urbana não foram entregues.

Em Pernambuco, por exemplo, a copa falaciosa de Recife, que não foi em Recife, mas em São Lourenço da Mata, nunca chegou a implantar a “*smart city*” tão sonhada como forma de dinamizar a economia das duas cidades vizinhas. Segundo Madeiro (2024), após uma década o que se verifica é uma área deserta com obras inacabadas e um BRT (bus rapid transit) que conecta as duas cidades, apenas.

No caso de Manaus, nem isso foi entregue. Marques (2022), sinaliza que o estádio, subutilizado, recebe mais eventos musicais do que jogos de futebol. Madeiro (2024) registra que na última partida de futebol realizada em 19/05/2024 o público total foi de 775 pessoas com renda de R\$470,00 que, de acordo com levantamento do Instituto Ethos, tem um custo de manutenção mensal de R\$700.000,00. Apenas para efeito de comparação, seriam necessários aproximadamente 1489 jogos por mês, nesta arena, apenas para cobrir os custos de manutenção.

A obra de mobilidade mais cara abandonada durante a execução foi o VLT (veículo leve sobre trilhos) de Cuiabá. Após consumir R\$1 bilhão de reais,

financiado pela Caixa Econômica, a estrutura foi substituída por um BRT que não está pronto, assim, o aeroporto localizado na cidade de Várzea Grande nunca foi efetivamente conectado à Cuiabá por obras da Copa FIFA 2014.

Algo parecido ocorreu em Salvador, onde o projeto do BRT foi substituído por um metrô de superfície. Engana-se quem logo supõe que a escolha foi acertada, uma vez que o trajeto, apressadamente planejado, cruza “um vazio urbano” (ALTINO, 2024).

Vale destacar que em ambas as cidades, para além de todas as outras, a condição de excepcionalidade decorrente da Copa ocasionou a remoção abrupta de milhares de famílias de suas residências.

Em Natal e Fortaleza, capitais nordestinas que acolheram o megaevento, as obras ficaram absolutamente desconectadas das datas previstas, quando não inacabadas. Em Fortaleza o VLT só foi entregue com quatro anos de atraso e em Natal, o projeto do VLT foi instalado sobre as estruturas da linha de trem previamente existente.

Em Brasília, capital nacional com o estádio mais caro da Copa, o Mané Garrincha custou R\$ 1.4 bilhão, o VLT jamais ligou o aeroporto à Asa Sul, como prospectado na Matriz de Responsabilidade. Situação semelhante à de Curitiba, onde o Corredor Metropolitano, que deveria ligar a capital do Estado do Paraná a sete cidades da região metropolitana nunca foi executada.

O monotrilho da linha 17, em São Paulo, foi retirado da Matriz de Responsabilidade quando o estádio escolhido foi a Arena NeoQuímica, em Itaquera, em detrimento do Morumbi, na Zona Sul da cidade. A construção continua como uma cicatriz no coração da cidade, inacabada até os dias de hoje.

O BRT de Porto Alegre também foi deixado de lado, no entanto, obras significativas de melhoria na mobilidade foram entregues em 2024. Infelizmente, é possível que com o desastre ambiental ocorrido entre os meses de abril e maio do mesmo ano as obras sejam criticamente comprometidas.

Apenas Belo Horizonte e Rio de Janeiro concluíram as obras de mobilidade urbana previstas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo de Saba e Purchio (2024) considera as obras previstas para a Copa do Mundo FIFA de Futebol masculino de 2014, no Brasil, ou uma promessa mirabolante ou uma piada pronta.

Exatos 10 anos entre a realização da edição da Copa do Mundo FIFA 2014 e o anúncio do Brasil, novamente, como país-sede do torneio em 2027, o balanço comparativo entre as obras de infraestrutura prospectadas x executadas (Figura 3) denuncia as contradições inerentes ao falacioso discurso de legado do megaevento esportivo e a percepção do presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ednaldo Rodrigues, segundo o qual “o Brasil é um oásis” (BOECHAT, 2023).

Parece-nos indiscutível que diversas obras de infraestrutura efetivamente foram executadas e modificaram, para o bem e para o mal, a paisagem urbana das doze cidades-sede do megaevento em 2014.

Avanços nas áreas de tecnologia, segurança e aeroportos são inegáveis. O Brasil se posicionou, globalmente, como país em perfeitas condições de sediar eventos de impacto mundial de diversas naturezas como a Jornada Mundial da Juventude em 2016, a Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas, COP 30 2025, entre tantos outros. Mas em hipótese alguma podemos desconsiderar o desencontro entre prospecção e execução no caso das obras dos megaeventos esportivos.

Figura 3 - Balanço das obras previstas x executadas para a Copa do Mundo FIFA 2014.



Fonte: GAZETA DO POVO (2024).

Se os indícios apontados na literatura, evidenciados na realidade objetiva da organização dos megaeventos esportivos se concretizarem, como aparentemente estão, a FIFA e o COI têm demonstrado uma adoção estratégica de uma nova forma de eleição dos países/cidades-sede dos torneios de administram, qual seja, retornar às localidades que já sediaram edições passadas das competições.

Autores como Paiva (2023) já analisaram esta tendência:

A seleção dos países-sede no século XXI sinaliza uma dupla empreitada adotada pelo C.O.I. e F.I.F.A.. De um lado a realização dos megaeventos nos países que compõem o B.R.I.C.S. (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Por outro lado, FIFA e COI tem adotado a estratégia de retornarem a Copa e os Jogos aos países e cidades que já os sediaram no século XX. No caso das Copas do Mundo: Alemanha (2006-1974), Brasil (2014-1950). A partir de 2026 as Copas ocorrerão em países coligados. Canadá, México (1970) e Estados Unidos (1994). Em 2030, os 100 anos da Copa será celebrado em 6 países. Espanha (1982) Portugal, Marrocos, Uruguai (1930), Paraguai, Argentina (1978). No caso dos JJOO no século XXI: Atenas (2004-1896 e 1906); Londres (2012-1908 e 1948); Tóquio (2020-1964), Paris (2024-1924), Los Angeles (2028-1984) e Brisbane (2032). A Austrália já sediou o evento duas vezes, Melbourne (1956) e Sidney (2000). Barcelona (1992) é pré-candidata para receber novamente os JJOO em 2036 (PAIVA, 2023, p. 64).

Ao que nos parece, os megaeventos esportivos continuarão fazendo parte da agenda prioritária do Brasil no âmbito de políticas públicas do esporte. A construção de consensos em torno dos discursos falaciosos sobre o legado destes eventos deve ser monitorada antes, durante e depois de sua realização. Preferencialmente, em longo prazo evidenciando que a estrutura prospectada diverge, e muito, da executada.

Eles estão voltaram e continuarão voltando. Tendo em vista as condições objetivas observadas na atualidade, no ano de 2024, nós ainda não podemos, nem devemos, nos deslumbrar com promessas e palavras ao vento, afinal, nem somos um oásis como proferiu o presidente da CBF e porque, afinal, não está tudo pronto.

REFERÊNCIAS

ALTINO, L. Dez anos depois, mais de um terço das obras de mobilidade urbana para a Copa do Mundo do Brasil não foi entregue. O GLOBO. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/04/24/dez-anos-depois-mais-de-um-terco-das-obras-de-mobilidade-urbana-para-a-copa-do-mundo-do-brasil-nao-foi-entregue.ghtml> Acessado em 08/06/2024

BOECHAT, G. Condições para sediar Copa Feminina são diferentes de 2014, diz CBF...2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-sportsmkt/esportes/condicoes-para-sediar-copa-feminina-sao-diferentes-de-2014-diz-cbf/> Acessado em: 08/06/2024

BOECHAT, G. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-sportsmkt/esportes/brasil-e-um-oasis-em-estrutura-para-futebol-diz-presidente-da-cbf/> Acessado em 08/06/2024

CAPELA, P. R. C; TAVARES, E. (Orgs.) **Megaeventos esportivos: suas consequências, impactos e legados para a América Latina**. Florianópolis (SC): Editora Insular, 2014.

CARVALHO, R. B. **Megaeventos esportivos: legados para a economia**. In MARCELINO, N.C. Legados de megaeventos esportivos. Campinas: Papirus, 2013.

CASHMAN, R.. What is "Olympic Legacy". In Morogas, M., Kennett, C. e Puig, N. (org.) **The Legacy of the Olympic Games 1984- 2000**. Lausanne: IOC, 2003.

COTTLE, E. (org.). **Copa do Mundo na África do Sul: um legado para quem?** Florianópolis: Insular, 2014.

ESTÁ TUDO PRONTO. Ministério do Esporte. Disponível em <https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/campanha-esta-tudo-pronto-promove-a-candidatura-do-brasil-para-sediar-a-copa-do-mundo-fifa-de-futebol-feminino-em-2027> acessado em 08/06/2024

INSTITUTO ETHOS. Três estádios da copa já deram prejuízo de R\$10 milhões. Disponível em: <https://jogoslimpos.ethos.org.br/destaques/governo-reduz-custo-de-manutencao-da-arena-da-amazonia/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20os,R%24%20700%20mil%20reais%20mensais.> Acessado em 08/06/2024

IPEA. **O efeito do fluxo de turistas da Copa Fifa em junho e julho de 2014 sobre o emprego formal no Brasil**, 2017. Disponível em https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/publicacoes-1/prestacao_de_contas_copa2014_final.pdf Acessado em 08/06/2024.

MADEIRO, C. Legado da Copa, cidade inteligente em PE é área deserta 10 anos após arena. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2023/05/22/pe-legado-da-copa-cidade-inteligente-e-area-deserta-10-anos-apos-arena.htm> Acessado em 08/06/2024.

MARQUES, P. Em Manaus, estádio da Copa do Mundo de 2014 recebe mais shows que jogos de futebol. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/12/05/em-manaus-estadio-da-copa-do-mundo-de-2014-recebe-mais-shows-que-jogos-de-futebol.ghtml> Acessado em 08/06/2024

MCKINLEY, D.T.. F.I.F.A. E o complexo desportivo de acumulação. In: COTTLE, E. (org).. **Copa do Mundo na África do Sul: um legado para quem?** Florianópolis: Insular, 2014

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Relatório de prestação de contas final referente à Copa das Confederações FIFA 2013 e Copa do Mundo FIFA 2014**. Disponível em https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/publicacoes-1/prestacao_de_contas_copa2014_final.pdf Acessado em 08/06/2024.

NAPOLEÃO, A.C.. Brazil of all World Cups 1930 - 2010 / Antônio Carlos Napoleão. – Brasília : Ministry of Sport, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/publicacoes-1/esporte/arquivos/obrasiltodascopasingles.pdf> Acessado em: 08/06/2024

O PREÇO DE UMA COPA. Disponível em https://oprecodeumacopa.com/uploads/1/0/7/6/107617463/matriz_consolidada_dez_2014.pdf Acessado em 08/06/2024

OURIQUES, N.. Megaeventos no Brasil, o desenvolvimento do subdesenvolvimento e o assalto ao Estado. In: CAPELA, P.; TAVARES, E. **Megaeventos Esportivos: suas consequências, impactos e legados para a America Latina**. Florianopolis: Insular, 2014.

PAIVA, R. **Falácias no planejamento do legado esportivo da COPA DO MUNDO FIFA nas doze cidades-sede no Brasil**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2018.

PAIVA, R. Países-sede dos megaeventos esportivos no século XXI: eles estão voltando. **Anais do 4 congresso internacional de Educação Física**. FEFISO: Sorocaba, 2023.

PREUSS, H. **Economics of the Olympic Games**. Sydney: Walla Walla Press, 2008.

RIBEIRO, F.T. **Legado de Megaeventos Esportivos Sustentáveis: a importância das instalações esportivas**. In: DACOSTA, L.; CORRÊA, D.; RIZZUTI, E.; VILLANO, B.; MIRAGAYA, A. Legados de megaeventos esportivos. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

ROSSETTO JUNIOR, A.J. **Copa Do Mundo F.I.F.A. - Brasil 2014: Realidades, Mitos E Legados Na Cidade De São Paulo**. Tese de doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SABA, L.; PURCHIO, L. De promessa mirabolante a piada pronta: a infraestrutura da Copa 10 anos depois. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/brasil/obras-copa-do-mundo-10-anos-depois/> Acessado em 08/06/2024

SANTIN, S. Megaeventos esportivos no Brasil: benefícios - contradições. **Revista Motrivivência**, Ano XXI, n. 32/33, p. 332-334, 2009.

WALLERSTEIN, I. **A reestruturação capitalista e o sistema mundial**. Tradução BERTTERO, J.F.; ROSA E SILVA, A.M.O. Perspectivas, São Paulo, 20/21, 249-267, 1998.